



vvogas@redegazeta.com.br Tel: 3321-8319

PRAÇA OITO

Vitor Vogas



Segundo representante do Vem pra Rua, as manifestações pró-impeachment não serão em defesa de Cunha. Já o presidente da CUT promete “protestar fortemente” pela cassação do deputado.

O impeachment nas ruas do Espírito Santo

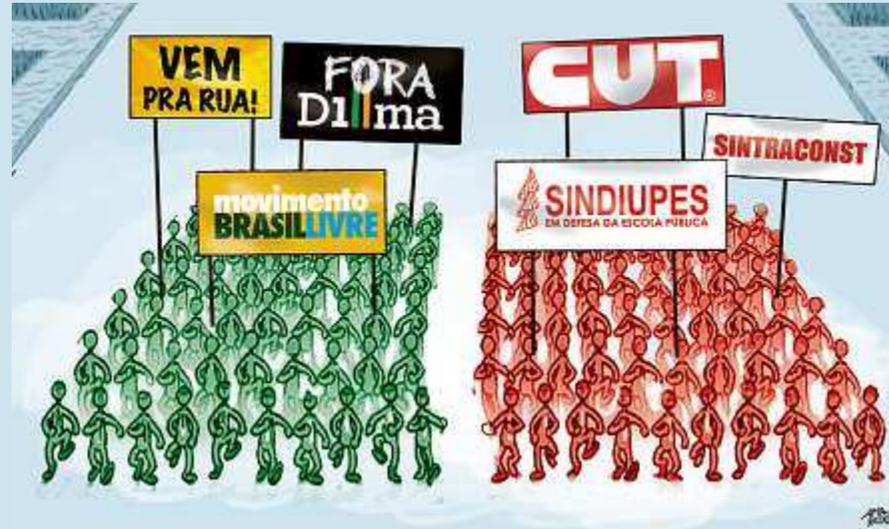
O desencadeamento do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) desafia os analistas políticos mais experimentados, mas um ponto parece cristalino: o ritmo de tramitação do processo e o seu desfecho no Congresso serão fortemente influenciados pelas ruas. A praça pública deve voltar a ferver nas próximas semanas, dividida entre as pressões pela queda de Dilma e os clamores pela preservação do mandato presidencial. No Espírito Santo, entidades que representam os dois lados da parede sociopolítica já preparam mobilizações.

Do primeiro lado, coletivos populares que sempre defenderam a interrupção do mandato realizam hoje, às 18h, em frente ao quiosque 1 da orla de Camburi, uma “celebração estratégica”.

A comemoração pelo cumprimento do primeiro objetivo marca também o início de uma nova etapa na organização desses movimentos. Nessa primeira concentração, serão definidas as estratégias iniciais de ação para pressionar o Congresso pela aceleração da abertura do processo e pela confirmação do impedimento em plenário. Articuladores dos coletivos preveem a combinação de um lobby forte sobre os integrantes da bancada federal do Estado com atividades de rua que remobilizem as pessoas para a causa e chamem a atenção da mídia e da opinião pública.

“Ficamos felizes, é claro, e vamos comemorar. Mas foi só o primeiro passo e o impeachment ainda está bem longe. Agora começa uma nova fase, bem mais pesada, porque, em ano eleitoral, um monte de gente oportuniza. Agora é partir para cima dos deputados e pressionar nas ruas, porque político hoje tem medo de não se reeleger”, afirma a médica Jéssica Polese, do Fora, Dilma.

Apesar da ênfase nos protestos, ela



“Só falar não adianta. Só o chamado das ruas mesmo. Temos que apertar onde o calo deles vai doer”

JÉSSICA POLESE
ARTICULADORA DO FORA, DILMA NO ES

também valoriza ações individualizadas para pressionar cada parlamentar do Estado, principalmente os do PMDB. “Devemos fazer isso para pressionar os que não estão com o povo. Na base aliada, acho difícil alguém voltar atrás. O maior problema é o PMDB, que não sai de cima do muro. Eles têm uma bancada muito grande, que vai de acordo com a situação. Por isso, é onde devemos chegar com mais força”, planeja a militante.

Um dos representantes do Vem pra Rua e do Movimento Brasil Livre no Estado, Washington Olímpio não descarta o lobby junto aos congressistas, mas frisa que a prioridade é retomar as ruas. “Provavelmente faremos contatos com eles, mas entenda: o político só se sente pressionado quando o povo vai às ruas. Eles têm muito medo, como já demonstraram,

“Nossa ação e nosso enfrentamento são nas ruas. A CUT sempre foi assim e, com certeza, estaremos nelas”

JASSEIR ALVES FERNANDES
PRESIDENTE DA CUT-ES

quando levamos as massas às ruas.”

Segundo o organizador, a ideia é aproveitar o “melhor momento do ano” para os movimentos contra Dilma e o novo ânimo dado a eles pela decisão de Cunha para executar uma contraofensiva. “O processo ainda não está aberto. Só foi aceito. Mas as pessoas começam a enxergar que é possível tirar Dilma do poder. Está todo mundo excitadíssimo! É o nosso grande momento este ano, e nossa motivação é muito maior. Em agosto Dilma estava muito enfraquecida, mas eles reagiram. Da mesma forma, vem a nossa reação agora. Demos um passo à frente, enquanto eles estão no paredão.”

Ocorre que, do outro lado desse muro imaginário que se ergueu e que hoje corta ao meio a sociedade brasileira, existem coletivos que, paralelamente, se preparam

para defender a continuidade do governo Dilma e para tirá-la desse “paredão”. São os sindicatos e movimentos sociais que, embora mantenham críticas e queixas ao pacote de ajuste fiscal implementado este ano, ainda defendem a legitimidade do mandato conferido a Dilma pelas urnas.

Segundo o presidente da CUT no Estado, Jasseir Alves Fernandes, a central sindical já realiza uma série de reuniões com as entidades filiadas de modo a traçar as primeiras estratégias de reação e “preparar a turma” para o chamado que esperam receber da direção nacional para recuprar as ruas em defesa do mandato.

“Defendemos a democracia e a legitimidade do mandato. Não há irregularidade ou questão técnica que possa impedi-lo. Estaremos sempre na luta por mais direitos, o que só é possível se garantirmos a democracia. Por isso, estamos mobilizando as pessoas para ficarem atentas, pois podemos ser chamados a qualquer momento para voltarmos às ruas, onde sempre estivemos. Estamos preparando a turma para isso”, diz o líder.

Dois segmentos importantes dessa turma são os sindicatos que representam os professores públicos estaduais (Sindiupes) e os trabalhadores da construção civil (Sintraconst). O presidente do último, Paulo César Borba, afirma que “as tropas” estão se agrupando para resistir. “Ainda estamos decidindo os primeiros passos concretos porque levamos um susto, mas temos que lutar para resistir. Se for preciso, com certeza iremos às ruas. A princípio, cada entidade, cada sindicato, cada movimento social está se agrupando e está alinhando suas tropas para debater.”

A secretária de Comunicação do Sindiupes, Dorzília Vaz, referenda que todos os petistas estão se organizando nesse sentido. “Com certeza, a maioria do nosso sindicato é petista e cutista. Vemos isso como uma forma de retaliação do Cunha e de mostrar a sua ira. As pessoas podem estar insatisfeitas com tudo que está acontecendo, mas não há base para o impeachment. No do Collor sim, havia.”

Se as ruas, nos próximos dias, estiverem divididas como esta coluna, a água vai ferver. E levar ainda mais vapor para um Congresso já superaquecido.